Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, vol. 19, 2024
https://doi.org/10.21747/16466195/ling19r1

Teresa Brocardo
In memoriam
(1959-2023)

Isabel Margarida Duarte
Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)
iduarte@letras.up.pt

"...Sedia la fremosa..." Textos de Teresa Brocardo. Coutinho, A., Correia, C. N. & Caetano, M. do C. (2024). Lisboa, Edições Colibri, 146 pp. ISBN 978-989-566-419-1. https://doi.org/10.34619/qyxj-kwdn

Teresa Brocardo partiu demasiado cedo. Professora Catedrática do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigadora do respetivo Centro de Linguística (CLUNL), do Grupo Gramática & Texto, na área da história da língua portuguesa e da linguística histórica, aliava conhecimentos profundos no seu campo de estudos com uma grande capacidade de problematização de questões teóricas complexas e talvez por isso fascinantes.

Além de dezenas de capítulos de livros e de artigos em revistas, deixou-nos dois livros: um, sobre o verbo, estudado de diferentes perspetivas linguísticas, em diferentes sincronias e tendo em conta a variedade portuguesa e a brasileira do português, organizado com Alvanira Barros, *Estudos sobre o verbo em português* editado pela Ideia, em 2016; o outro, a solo, intitulado *Tópicos de História da Língua Portuguesa*, publicado pela Colibri, em 2014.

Era, também, filóloga, tendo-lhe nós ficado a dever edições de alguns textos medievais, devidamente enquadradas por estudos linguísticos que os iluminam: *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara*. *Edição e Estudo*, editada, em 1997, pela Fundação Calouste Gulbenkian e *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Edição do fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda (século XIV),* publicado pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda, em 2006.

Teresa Brocardo juntava a muitos conhecimentos e rigor outras qualidades que são inestimáveis: sabia muito, mas sem ponta de arrogância e era de uma grande gentileza e disponibilidade.

O livro *...Sedia la fremosa... Textos de Teresa Brocardo*, de que passaremos a fazer uma breve recensão, foi organizado por três colegas e amigas do mesmo grupo de investigação, Antónia Coutinho, Clara Nunes Correia e Maria do Céu Caetano, e editado pelas Edições Colibri em 2024, aquando de uma justa homenagem que lhe foi prestada, em 27 e 28 de junho de 2024, sob a forma de um *workshop* promovido pelo grupo Gramática & Texto, do Centro de Investigação de que fez parte. Nele, as organizadoras dão conta dessa ausência de vaidade, chamando a atenção para o facto de Teresa Brocardo se referir às suas intervenções nos *Workshops em Gramática e Texto* como "propostas de estudo" e "nótulas", quando, na verdade, os seus contributos são de enorme importância para a área da história da língua e da linguística em geral.

O volume de que nos ocuparemos agora, também em jeito de homenagem, é composto por uma comovida Apresentação ("Estes textos – uma questão de *ser* e *estar* (no tempo)", p. 7) da autoria das organizadoras, seguida de um interessante Texto de Abertura ("Grandes trezentos anos estevo assí, ou mais, cuidando que non estevéra senon pouco", p. 11) da jornalista Sara Figueiredo Costa, orientanda de Teresa Brocardo. Interessante por nos mostrar, de forma heterodoxa, é verdade, como um professor pode fazer nascer, nos seus estudantes, a curiosidade intelectual e o entusiasmo relativamente a certos tópicos de investigação e interessante, ainda, pelo retrato humano que traça de Teresa Brocardo. Segue-se uma antologia de dez textos (""Sedia la fremosa..." Textos de Teresa Brocardo"), pp. 23-115) originários dos *Workshops em Gramática e Texto* e uma Bibliografia da autora (p. 115). Na última parte do livro, intitulada "Leituras", juntam-se textos de cada uma das organizadoras, sobre Teresa Brocardo: "Ler Teresa Brocardo", de Clara Nunes Correia (p. 127), "Quantas margens tem um texto? – divagações e interpelações" (p. 133), de Antónia Coutinho, e "Formas e construções em diacronia" (p. 141), de Maria do Céu Caetano. Cada uma delas se centra nos textos da homenageada que melhor dialogam com os seus próprios interesses de

investigação e será assim que os vamos apresentar: também em diálogo com os da homenageada.

A preocupação do grupo em cruzar pontos de vista por vezes discordantes, procurando que umas investigadoras instigassem as outras a ir mais longe na pesquisa, fica patente em alguns dos textos de Teresa Brocardo que agora se publicam, por exemplo, em "Nótulas históricas – uma (re)leitura de Campos (2000)" (p. 43), em que parte de um texto de Henriqueta Costa Campos sobre o Pretérito Perfeito Composto, para um interessantíssimo artigo sobre a especificidade desse tempo em português, por contraponto com outras línguas românicas, servindo-se de uma visão diacrónica e dos valores de construções com *haver* e *ter*. A autora volta a este par num outro estudo, "*Haver* e *ter* – Balanços e perspetivas" (p. 101), em que se ocupa destes verbos, na história do português, "em construções que desencadeiam leituras caraterizáveis como epistémicas, no sentido em que marcam alguma expressão de validação" (2024, p. 103) e são usados, embora não muito frequentemente, ainda hoje. A relação entre estes valores epistémicos e outros funcionamentos de *haver* e *ter* seria também um tópico a explorar no futuro, mas a autora adianta já algumas pistas: os verbos ocorrem em estruturas transitivas predicativas "em que coocorrem formas / expressões lexicais [...] que favorecem a inferência do valor epistémico da construção, e que corresponderá a uma validação "forte" do asserido". (2024, p. 105). Os exemplos utilizados confirmam, sem dúvida, esta hipótese de explicação.

O diálogo com os ensinamentos de Henriqueta Costa Campos volta a acontecer no capítulo final, "Nas «Margens» do «texto» - normas sobre variantes em formas de *dever* e *poder*" (p. 107). No estudo revisitado de Campos (2000), esta analisa o pretérito perfeito e o mais-que-perfeito, simples e composto, usando passagens da *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, e defende que o trabalho sobre história da língua pode ter relevância para o estudo dos valores contemporâneos dessas formas verbais. Teresa Brocardo discute, por seu lado, o valor dos verbos modais (deônticos ou epistémicos), referidos a partir de variantes, quer dizer, de dois dos "testemunhos" de outra crónica, a de Zurara: *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, mostrando a utilidade e a validade deste tipo de confronto de versões diversas.

Clara Nunes Correia, no seu texto da parte final do livro, já referido, "lê" estes textos de Teresa Brocardo sobre tempos verbais (por exemplo, sobre valores temporais e modais do futuro do pretérito/condicional), convocando também os textos de Henriqueta Costa Campos referidos por Brocardo. A propósito dos verbos modais *poder* e *dever*, e do seu valor inicialmente deôntico, Clara Correia escreve: "Mais do que uma descrição de ocorrências, Brocardo ensina-nos a ver a relevância das fontes para a compreensão das formas e das construções em análise." (2024, p. 129). Refere-se ainda ao texto de Teresa Brocardo "Representações do / no tempo – nótula sobre *passados*" (p. 85). Nele, a autora descreve a diacronia de dois paradigmas verbais do passado: o futuro do passado/ condicional e o pretérito mais-que-perfeito simples, com valores quer temporais quer modais, para o que convoca não só a noção de "competição", mas também os conceitos de inovação e conservação ou persistência, e o de obsolescência. Uma das lições que importa ressaltar, deste texto, é que "[...] mesmo uma mera descrição da mudança linguística não pode nunca centrar-se numa dada unidade (forma, construção, paradigma...) sem considerar outra ou outras que com ela competem numa dada sincronia." (2024, p. 90).

Como se disse, a investigação de Teresa Brocardo, centrada na história da língua portuguesa, traz um contributo inestimável para a Linguística em geral, nomeadamente porque questiona e aprofunda um conjunto de conceitos teóricos de interesse para todas as áreas, como a "explicação" em diacronia, a partir da qual defende o cruzamento de contributos de abordagens sincrónicas e diacrónicas para uma compreensão mais capaz dos fenómenos linguísticos (cf. o texto "...Porque *foi* assim! (Notas sobre a explicação em diacronia)" (p. 33)).

Um outro texto do pequeno livro a que nos vimos referindo atesta esta vocação de problematizar grandes questões teóricas: "Polissemia e mudança linguística" (p. 23), em que a autora sublinha a necessidade de uma fase de polissemia como condição obrigatória para que a mudança semântica ocorra. Esta problematização é feita com recurso ao caso concreto de "haver" em português, como aliás ocorre sempre nestes textos, em que Teresa Brocardo trata de noções teóricas, mas a partir de exemplos da história da língua portuguesa. É o que acontece, também, em "Forma, construção e significado – nótula sobre

gramaticalização e analogia" (p. 53). Nesse texto, fica visível, mais uma vez, o contraste entre a profundidade dos seus conhecimentos e do nível de problematização e a modéstia com que a autora encarava o seu próprio contributo. Leia-se a seguinte passagem, como testemunho disto mesmo:

> A apresentação propõe como hipótese de trabalho (muito) preliminar, uma abordagem do processo de gramaticalização de construções do português com *haver / ter* + PP, insistindo na ideia, já formulada em trabalhos anteriores (p.ex., Brocardo 2009), de uma motivação analógica do referido processo, desencadeado pela co-ocorrência de construções formalmente paralelas, já plenamente gramaticalizadas na expressão de valores têmporo-aspectuais (perífrases com formas derivadas de ESSE + PP). (2024, p. 54).[1]

A partir, pois, de exemplos específicos da história da língua, a autora discute a seguinte questão: "sobre que unidade, afinal – forma ou construção – incidem os processos de gramaticalização?" (2024, p. 59). A esta seguem-se mais três perguntas bem feitas, numa secção final do texto que Teresa Brocardo intitulou, com humor, "Não há conclusões". Mas, em todo o caso, com bom senso, vai propondo que se equilibrem 'macro' e 'micro' análises, ou seja, análises de períodos longos, por vezes simplificadoras, com análises pormenorizadas, necessariamente com menos dados.

Maria do Céu Caetano centra a sua reflexão sobre questões dos estudos diacrónicos e dialoga sobretudo com três textos de Teresa Brocardo: aquele em que é tratada a noção de polissemia e mudança linguística; o texto em que Brocardo equaciona o valor da "explicação" para compreender essa mudança, e aquele em que, depois de discorrer sobre gramaticalização e analogia, a partir de dados da diacronia do português, a autora argumenta de modo a que se conclua que "nem sempre é possível isolar os mecanismos e os resultados de processos de gramaticalização motivados analogicamente dos de processos de "pure grammaticalization" [...]" (2024, p. 146).

Este volume dá conta do cruzamento de perspetivas dentro do grupo de investigação. É disso que se trata em "O *texto* no tempo em que não havia *gramáticas*" (p. 63). Partindo da ideia de que o texto tem interesse enquanto objeto

[1] A ortografia dos textos publicados antes da entrada em vigor do Acordo Ortográfico não foi atualizada.

tanto para a Linguística de Texto quanto para a linguística histórica, já que é nos textos que se colhem exemplos de dados para trabalhar em diacronia, Teresa Brocardo mostra como a noção de género, vinda da primeira, poderia ser útil para o trabalho da segunda. Este seu artigo, em que distingue *texto* e *testemunho*, vai ser, aliás, o ponto de partida para a reflexão entusiástica que Antónia Coutinho fará sobre a obra de Teresa Brocardo, na parte final do volume. Antónia Coutinho revisita sobretudo artigos em que Teresa Brocardo se refere à noção de texto e à sua importância para os estudos diacrónicos, problematizando essa noção no que se refere aos *testemunhos* a que a história da língua e a linguística histórica não conferem o estatuto de *texto*, posição que Antónia Coutinho de certo modo contesta. Teresa Brocardo sublinha a importância de se olhar para os textos antes de se olhar para os *corpora*, e esse movimento metodológico já tem total aprovação da sua colega do grupo de investigação.

No texto seguinte, "*Sedia la fremosa*... Uma proposta de estudo diacrónico de *ser* (< *sedere* e *esse*) e *estar* em português" (p. 75), Teresa Brocardo pretende "delinear uma proposta de estudo sobre a diacronia de *ser* e *estar* em português" (2024, p. 76). Sublinha, como habitualmente, o caráter de mera proposta do seu trabalho, embora a complexidade da sua reflexão merecesse outra designação mais justa. Na verdade, sugere todo um percurso de análise fina que permite conhecer melhor os valores subtis por que os usos dos referidos verbos passaram.

Em "Comente o seguinte *texto-fonte*"[2] (p. 93), Teresa Brocardo propõe "algumas notas" sobre esta atividade, salientando aspetos centrais sobre "o texto no tempo em que não havia gramáticas", ou seja, debruçando-se sobre questões metodológicas decorrentes "da exploração linguística de testemunhos escritos de fases passadas da língua para as quais não existem fontes 'secundárias'" (2024, p. 93). É um estudo mais de caráter filológico, que recorre a testemunhos do *Testamento de Afonso II* (1214) e usa, como breve exemplo, o possessivo precedido de artigo, que já aparece nesse documento, questionando generalizações feitas por Rinke (2010) sobre o mesmo tópico. Aconselha, a nosso ver convincentemente, que

[2] É nítida a ressonância do romance *Comente o seguinte texto*, de Eduarda Dionísio, editado em Lisboa, pela Plátano Editora, em 1972. O título deu nome a um dos *Workshops* do grupo Gramática & Texto, em 2016.

se olhe para o texto antes de se olhar para o *corpus*, ou, dito de outro modo, que o uso de *corpora* quantitativamente pertinentes não faça esquecer a necessidade de "começar pelo texto, ou antes ainda, quando possível, pelos seus vários testemunhos." (2024, p. 99).

Feita esta breve recensão ao livro de homenagem a Teresa Brocardo, não podemos esquecer, além do valioso contributo da sua investigação, sublinhado pelas organizadoras da obra em apreço, uma outra vertente da homenageada: a sua participação generosa na governação universitária. Quando nos deixou, era vice-presidente do Conselho Científico e subdiretora para a Gestão Curricular e Estudantes, mas ocupou vários outros cargos na sua instituição de pertença. Foi presidente do Conselho Pedagógico (2002-2005) e coordenadora do Departamento de Linguística. Falta acrescentar, em jeito de nota pessoal, a imagem que de Teresa Brocardo guardo, do convívio que com ela tive, enquanto membro do mesmo painel de avaliação de Bolsas de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia ou de vários júris universitários: a de uma pessoa serena, com muito bom senso, sentido de humor e uma enorme disponibilidade para os outros. Fica-nos essa imagem e os textos publicados, fruto de "honesto estudo, com longa experiência misturado" e engenho, textos que será sempre estimulante revisitar.

Referências

Campos, M.H.C. (2000). Sur les formes composées du prétérit em portugais. In A. Englebert *et al.* (Eds). *Actes du XXIIe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes* (vol. II, pp. 57-63).

Rinke, E. (2010). A combinação de artigo definido e pronome possessivo na história do português. *Estudos de Lingüística Galega*, 2, 121-139.